

COMPROMISSO ENTRE A OTAN EUROPEIA E A RÚSSIA É INEVITÁVEL

Por Andrew Korybko*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

Enquanto os EUA voltam o foco para a China, um possível acordo de paz na Ucrânia pode redesenhar a segurança europeia: Polônia e Suécia ganham protagonismo, e a OTAN poderia negociar com Moscou um novo equilíbrio militar no Báltico.

O jornal *The Telegraph* publicou uma matéria no final de outubro citando fontes diplomáticas não identificadas, relatando que “a Rússia espera enfraquecer a OTAN com as negociações de paz na Ucrânia” ([Russia hopes to weaken Nato with Ukraine peace talks](#)). Essas fontes preveem que “Putin provavelmente exigirá que a presença da OTAN na Europa seja reduzida ao nível de 1997, antes da entrada dos antigos países do bloco oriental na aliança”, conforme suas [solicitações de garantias de segurança](#) feitas no final de 2021. Essa previsão se baseia no anúncio de seu principal assessor, Yury Ushakov, de que a Rússia agora deseja a participação da Europa no processo de paz.

Segundo o *The Telegraph*, “isso significaria uma potencial retirada de tropas da OTAN da Polônia, Estônia, Letônia e Lituânia, bem como da Finlândia, que aderiu à aliança em

2023”. Tecnicamente falando, isso não é exatamente verdade, já que a Rússia defendeu o retorno ao *status quo* militar-estratégico continental vigente na data da assinatura do Ato Fundador OTAN-Rússia, em 1997. Na prática, isso significaria a retirada das tropas dos países membros da OTAN anteriores a 1997 dos territórios dos novos membros.

Entretanto, as forças dos membros da OTAN pós-1997 ainda poderiam, hipoteticamente, ser mobilizadas para os territórios uns dos outros, o que é significativo considerando que a Polônia agora comanda o [maior exército](#) da OTAN Europeia (E-OTAN) e que o [Bloco Viking, liderado de facto pela Suécia](#), está se militarizando rapidamente em paralelo. O envio de forças aéreas e navais da Suécia para auxiliar no [patrulhamento das fronteiras da Finlândia com a Rússia](#), juntamente com o envio de forças aéreas e de defesa aérea para a Polônia, demonstra a força de sua [parceria militar-estratégica no Mar Báltico](#).

Como avaliado [aqui](#), isso poderia até mesmo lançar as bases para o patrocínio militar conjunto sobre o [Báltico Oriental](#) como núcleo da [OTAN 3.0](#), que se refere à liderança europeia na contenção da Rússia pela OTAN, [enquanto os EUA “reorientam-se para a Ásia Oriental”](#) para conter a China de forma mais robusta. Espera-se que o [Intermarium](#)¹, que se refere aos estados entre a Alemanha e a Rússia, desempenhe o papel mais proeminente nesse contexto. Polônia e Suécia são seus pesos-pesados, portanto, é natural que liderem conjuntamente a contenção da Rússia.

O Reino Unido, a França e a Alemanha, sendo as duas primeiras potências nucleares e a última a líder *de facto* da UE, já [deslocaram diversas forças](#) para os territórios dos membros que aderiram à OTAN após 1997. No entanto, como parte de um [grande acordo mediado pelos EUA](#) entre a OTAN europeia e a Rússia sobre a arquitetura de segurança europeia do pós-guerra, estes países poderiam potencialmente retirar as suas forças para facilitar compromissos por parte da Rússia sem pôr em risco os seus aliados. Estes aliados regionais, liderados pela Polónia e pela Suécia, são agora suficientemente fortes para se manterem independentes.

Em troca do cumprimento do espírito do pedido da Rússia para que os membros da OTAN anteriores a 1997 retirassem as suas tropas dos territórios dos membros que aderiram após 1997, esses novos membros e a Rússia poderiam chegar a um [acordo de desescalada mediado pelos EUA](#) para retirar suas tropas da fronteira. Movimentos simétricos por parte da Polónia e dos Estados Bálticos, por um lado, e da Rússia e da Bielorrússia, por outro, poderiam constituir a base da arquitetura de segurança europeia do pós-guerra e conduzir a novas negociações sobre o controle de armamento, caso haja vontade política.

¹ O *Intermarium* (“entre mares”) é um conceito geopolítico que propõe uma confederação ou aliança de países da Europa Central e Oriental, estendendo-se do Mar Báltico até o Mar Negro e, em algumas formulações, o Mar Adriático.

Há pouca probabilidade de a Rússia concordar com compromissos estratégico-militares como parte de um grande acordo mediado pelos EUA com a E-OTAN, apesar das [oportunidades econômicas promissoras](#) que isso poderia desbloquear, a menos que a OTAN europeia retribua. A maneira mais realista de isso acontecer seria através da retirada das forças dos membros pré-1997 dos territórios dos membros pós-1997. A França também deveria revogar sua oferta de estender seu guarda-chuva nuclear sobre eles. Uma estabilidade duradoura no pós-guerra seria então uma perspectiva viável.

****Andrew Korybko** é analista político americano radicado em Moscou, com doutorado pelo MGIMO, e especialista na transição sistêmica global para a multipolaridade. Ele acompanha de perto a relação entre a grande estratégia dos EUA na Afro-Eurásia, a Iniciativa Cinturão e Rota da China, os atos complementares de equilíbrio geoestratégico da Rússia e da Índia e a Guerra Híbrida. A guerra por procuração da OTAN contra a Rússia via Ucrânia e suas consequências globais têm sido seu foco, mas ele também cobre assuntos africanos e do sul da Ásia. De tempos em tempos, também analisa assuntos internos dos EUA, da Europa e da América Latina.*
